# Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1889

#### Preços por assinatura

Para os socios e subscritores da Academia de Estudos Livres:	Avulso:
	3 numeros 250 ré
6 ,	6 , 500 ,
12 , 600 ,	12 " 1000 "

Numero avulso - 100 réis

#### SUMARIO

Cartas insubmissas. pag. 65	Conferencias e palestras:
Homenagem ao 2," Vis- conde de Santarem » 69	Λ cidade de S. Marcos pag. 90
Licões de historia universal:	Questões pedagogicas:
Licoes de historia universai:	O Congresso de educação
1.* Origens do cristianis-	fisica de Paris pag. 94
mo; suas relações com	Espectaculos para crean-
e mundo romano pag. 75 2.ª As invasões dos bar-	
baros	Trabalhos escolares;
A Escola Marquez de	Almeida Garrett e a sua
Pombal » 84	obra (I) pag. 95

LAMAS & FRANKLIN
R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA
1912

### Movimento de aulas

#### Ano lectivo de 1912-1913

#### Numero de matriculas realisadas até 31 de Março de 1913

#### AULAS DIURNAS

Escola maternal	40	
Aulas primarias (4 classes)	96	436

#### AULAS NOCTURNAS

Portuguez	45	
Francez (1.* e 2.* parte)	90	
Inglez (1.a » 2.a » )	61	
Contabilidade	61	
Matematica elementar	31	
Desenho (1.* e 2.* parte)	38	
Admissão á Escola Normal	31	
Instrução primaria (1.º e 2.º grau)	87	
Rudimentos	26	
Violino	9	
Piano	18	
Harmonia	3	500
Total		636

#### Numero de alumnos matriculados

		ota											463
))	nocturnas				25		3				100		327
Aulas	diurnas .									3			136

# Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)
Rua da Paz, 7 a S. Bento—LISBOA

2.ª SERIE JANEIRO E FEVEREIRO DE 1913 N.º 3

## CARZAS INSUBMISSAS

II

Operou-se uma revolução. Proclamou-se o Governo republicano, mas falta agora organisar a democracia.

Nas leis e nos costumes, nos principios e nas idéas.

Quanto a mim, nos varios erros, alguns porventura inevitaveis, que esta incipiente e tão simpatica republica cometeu, logo de entrada, avulta como o principal, como aquele de que quasi todos os outros derivam, o de não haver creado um ministerio da educação pacional

Por ahi deveria ter ela iniciado a sua obra reformadora e reconstrutiva, não se esquecendo porém de, desde o principio, furtar esse ministerio á ação deleteria e dissolvente da politicaria.

Posto a funcionar sob a alta influencia de algum claro e superior espirito que integrado na corrente das modernas idéas pedagogicas e fundamentalmente patriota e democrata, transfundisse para as escolas e para o ensino o espirito de liberdade de critica e de probidade scientífica que deve orientar aquelas e alimentar este, certamente que nestes dois anos e tanto que a Republica já conta, numerosos problemas ela traria em via de solução.

Por mim atrevo-me, contra a opinião erudita de muitos, a aventar que bastava, por exemplo, haver investido de poderes latitudinarios e dotado com recursos economicos rasoaveis a Associação das Escolas Moveis, pelo metodo de João de Deus, e as duas ou tres coletividades (entre as quaes não poderiam deixar de ocupar logar de destaque a Escola Oficina n.º 1 e a Academia de Estudos Livres) que no paiz teem agitado as questões de educação popular e nacional; e creado em Lisboa e Porto duas universidades tipos em moldes diferentes dos que se puzeram em pratica, para que um forte e fecundo movimento tivesse acordado inumeras energias que ainda dormitam a esta hora, e que Deus sabe quando acordarão.

Remodelações e coisas novas que agora só a custo e parcelarmente será possivel ir tentando, ter-se-iam conseguido nesses momentos unicos de hipnose psichica, de ebulição emocional, que tudo permitiria, desde que obedecesse a altos intuitos e pozesse em 1000 nobres sentimentos e patrioticas iniciativas.

Cingindo-me apenas ás materias escolares, veja-se o que se uão haveria realisado, se, tomando a instrução primaria e adicionando-lhe logo, para começar, as aulas maternaes, os jardins-escolas, no modelo já visivel em Coimbra, e desdobrando em quatro anos as disciplinas que presentemente em tantos pontos do paiz ainda se resumem em dois, nós pozessemos a funcionar todos estes focos de irradiação do  $a \ b \ c!$ 

Sem duvida que varias tentativas fracassariam, sucessivas experiencias viriam a falhar, sendo preciso repeti-las ou renoválas, e não poucos passos dados em falso mostrariam as escabrosidades do terreno a percorrer; mas ouso acreditar que relativamente diminutas parcelas de trabalho se perderiam em absoluto, e que determinados males ir-se-iam corrigindo uns pelos outros, uns com outros.

Mas emfim talvez já não valha a pena esquadrinhar as causas multiplas que determinaram tão lamentavel falta, e agora o que se me afigura mais proficuo é cada um dizer francamente como procuraria resolver o assunto se nele fosse chamado a intervir.

Pelo que se refere á instrucção primaria, salvo melhores e mais autorisados alvitres,—mais autorisados que não mais sinceros—eu, elevando-a a quatro anos, tornaria obrigatorios os tres primeiros, e o ultimo fa-lo-ia depender do caminho que o aluno seguisse.

Não lhe permitiam as circunstancias monetarias ou pessoaes

dedicar-se ao estudo e precisava de entrar sem delongas na chamada vida pratica? Por intermedio das comissões do patronato, com o auxilio das bolsas de estudo ou de pensões obtidas, diligenciar-se-ia que então completasse esse curso, que deveria dar-lhe um conjunto de noções geraes e uma porção de elementos de trabalho que utilmente o auxiliassem no inicio de qualquer carreira.

Eram-lhe essas circunstancias favoraveis? Poderia ingressar diretamente nos cursos technicos especiaes, nas escolas primarias superiores, ou até em certos grupos de disciplinas do ensino secundario, para o que procuraria que por seu turno este ensino se dividisse e subdividisse em tantos ciclos quantos fosse mister crearem-se, de maneira a aproveitar, disciplinando-as, todas as energias dispersas, adormecidas, ou que elas proprias se ignoram ainda, conforme bastas vezes acontece.

Ciclicas essas cadeiras dos estudos secundarios, imprimiria a todas elas uma feição absolutamente pratica, com um minimo de teoria de tal modo exposto que não assustasse nem inutilisasse nenhum aluno.

Quanto á parte pratica destas e das do ensino primario, fala-ia especialisar-se até ao infinito, e para o conseguir, unicamente admitiria como professores das materias a elas concernentes os que em grandes oficinas do estado ou particulares houvessem provado indiscutivel competencia; e, como é quasi seguro que em varios ramos não existirá ainda no paiz pessoal habilitado, contratalo-ía no estrangeiro, impondo-lhe a obrigação de adestrar nacionaes, para o que iria até ao ponto de conceder aos mestres um premio peçuniario convidativo por cada aluno distinto por eles preparado.

Dir-se-ha que já hoje isso se faz, e em parte assim será, mas faz-se incompletamente, sem plano e sem convergencia.

Cumulativamente poria em execução uma das muitas idéas desse malogrado estadista e grande professor que se chamou Antonio Augusto de Aguiar, a qual vinha a ser mandar educar periodicamente lá fóra, nos grandes centros, cinco ou seis rapazes que denotassem qualidades especiaes, impondo-lhes no regresso a obrigação de trabalharem durante um certo periodo nas oficinas do Estado, ou a de leccionarem ou aperfeiçoarem alguns

aprendizes; e bem assim, traduziria em actos as medidas de forte e rasgada iniciativa do ministro Emygdio Navarro que ainda hoje, em republica, são preciosas.

Se, pelo menos ha vinte anos a esta parte, se houvesse seguido esta orientação, que grau de perfeição teriamos atingido, dada a habilidade excepcional e instintiva que caraterisa a gente portuguesa!

Por ultimo, não só não diminuiria em absoluto o curso dos liceus, mas até o aumentaria com um ou dois anos, constituindo, porém, dentro dele grupos de disciplinas que separadamente seriam titulo de admissão para varias carreiras ou escolas, o que viria tornar a um tempo mais logico, mais curto e mais completo este respectivo ensino. Por paradoxal que a coisa pareça, as familias dos proprios alunos se encarregariam de lhe reconhecer as vantagens.

Aqui está, só em materia de ensino, o que eu trataria de realisar tão rapidamente quanto me fosse possivel, e apenas direi que, por exemplo, no campo industrial, iria aproveitar entre varias a competencia porventura unica sob determinados pontos de vista, desse grande carola de tal ensino o benemerito professor Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra, que ainda não foi apreciado e aproveitado como era mister que o fosse. Coroando isto, daria a cada escola a maxima liberdade que seria função da maxima responsabilidade.

Um conselho superior, em parte de nomeação oficial, em parte de eleição de classe, tendo até um membro eleito pelos alunos mais distintos, resolveria as questões pendentes ou os assuntos de ordem pedagogica e escolar, e por este e analogos processos chegaria eu ás universidades, onde tanto haveria que mondar por um lado e acrescentar por outro, apesar de reformada uma e creadas as outras duas ha tão pouco tempo!

Esta já vae longa e não disse tudo; mas, supondo que deixei esboçado o essencial, a proposito de outras questões completarei ou especificarei o que faltar, e simplesmente arriscarei uma reflexão comesinha e clara — é que uma vez refundido e transformado o ensino, inumeras materias nos apareceriam a breve trecho refundidas e transformadas por si mesmas, sem que para tal carecessemos de providenciar especial e particularmente.

Ah! isto são acaso fantasias de poeta, mas longinquos povos como o Japão e pequenos paizes como a Holanda, a Suecia, a Noruega, de ha muito chamam realidades a taes fantasias, e se de alguma coisa se riem, não é precisamente nem dos que a formulam nem dos que as efectuam...

De que ou de quem será então? Muitos o sabem e eu tambem não o ignoro...

AFFONSO VARGAS

## Homenagem ao 2.º Visconde de Santarem

Foi depois duma conferencia realizada pelo sr. dr. Teofilo Braga na séde da Academia de Estudos Livres, que a Direção teve conhecimento do facto de ter nascido na casa n.º 7 da Rua da Paz o grande sabio português 2.º Visconde de Santarem. A noticia foi dada pelo erudito investigador sr. Jordão de Freitas e recebida com a maior satisfação pelos directores presentes. Combinou-se logo representar á Camara Municipal de Lisboa, pedindo-lhe que mandasse colocar na referida casa uma lapide comemorativa do acontecimento.

Tratava-se tambem nessa ocasião de celebrar o 1.º centenario do nascimento de Alexandre Herculano. A A. E. L. iniciara os primeiros trabalhos de propaganda. Na representação aludida resolveu-se inserir igualmente o pedido da colocação duma lapide na casa do Pateo do Gil, onde nasceu o glorioso historiador. A representação foi entregue em mão do sr. Agostinho Fortes para ter o devido destino.

A estes factos referiu-se a seguinte local publicada no *Diario* de Noticias de 10 de outubro de 1909:

«Pelas averiguações a que o ilustre publicista sr. Jordão de

Freitas procedeu, provou-se que o 2.º Visconde de Santarem, o grande português a quem a patria tanto deve pelos seus trabalhos historicos e geograficos, nasceu em 1791, na Rua da Paz, n.º 7, onde actualmente tem a sua séde a Academia de Estudos Livres, tendo sido báptisado no oratorio particular da mesma casa, actual gabinete da Direção. Apoiando-se nesta interessante descoberta, a Academia váe dirigir uma representação á Camara Municipal de Lisboa, pedindo que seja afixada naquela propriedade uma lapide comemorativa.

Na mesma representação a Academia refere-se a outra divida em aberto para com Alexandre Herculano, pedindo que tambem seja colocada uma lapide na casa onde nasceu o grande historiador, no Pateo do Gil, com entrada pela Rua de S. Bento, n.º 458.

A Academia pede que esta comemoração seja realizada em 28 de março de 1910, data do 1.º centenario do nascimento de Alexandre Herculano, que sem duvida todo o paiz festejará como historiador e publicista, cuja vida constitue um nobre exemplo de dedicação e amor á sua patria.»

Em 21 de outubro de 1909, em sessão publica, o vereador sr. Agostinho Fortes apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

«Proponho que a Camara Municipal de Lisboa mande colocar no predio n.º 7 da Rua da Paz, onde se acha instalada a Academia de Estudos Livres, uma placa comemorativa do facto de nessa casa haver nascido o grande geografo 2.º Visconde de Santarem; que no Pateo do Gil, 458 da Rua de S. Bento, se mande igualmente colocar uma outra placa marmorea comemorativa do facto de ali haver nascido Alexandre Herculano.»

Em 24 de janeiro do actual ano realizou-se o acto da inauguração da lapide consagrada pela cidade de Lisboa á memoria do 2.º Visconde de Santarem.

#### O acto da inauguração da lapide

A lapide foi mandada colocar por sobre o portão da entrada do predio n.º 7 da Rua da Paz.

Naquela citado dia, 24 de janeiro de 1913 (aniversario da entrada do 2.º Visconde de Santarem no Colegio dos Nobres), foi solenemente inaugurada a mesma lapide pelas 14 horas com a assistencia dos srs. Agostinho Fortes representando a Camara Munipal, dr. Joaquim Kopke, secretario da mesma Camara, Manuel Francisco de Barros Saldanha (3.º Visconde de Santarem e neto do homenageado), dos diretores da Academia — Antonio Alfredo Alves, Francisco Bernardino Cardoso, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves e Manuel Esteves Camara — e de muitos socios e alunos da mesma Academia de Estudos Livres.

A lapide, que se encontrava coberta com a bandeira nacional, foi descerrada pelo sr. Visconde de Santarem, auxiliado pelo sr. Agostinho Fortes.

Passando todos os assistentes á sala das sessões da Academia, ali, em sessão presidida pelo sr. Agostinho Fortes, secretariado pelos srs. Visconde de Santarem e Cardoso Gonçalves, proferiu o presidente uma breve alocução na qual fez o elogio do sabio e grande patriota, que em vida foi o 2.º visconde de Santarem.

Ao encerrar a sessão foi por todos assinádo o auto de inauguração, que se achava encerrado numa rica pasta de marroquim com ornatos de prata cinzelada, tendo ao centro as armas da Camara Municipal de Lisboa.

#### O auto da inauguração

«Aos vinte e quatro dias do mez de Janeiro de mil novecentos e treze, pelas quatorze horas, na cidade de Lisboa e Rua da Paz, freguezia de Santa Catarina, terceiro bairro, junto do predio numero sete de policia desta, onde está atualmente instalada a Academia de Estudos Livres, compareceram os cidadãos Agostinho José Fortes, vereador representante da Camara Municipal, Antonio Alfredo Alves, Francisco Bernardino Cardoso, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves e Manoel Esteves Camara, Diretores da dita Academia de Estudos Livres (Universidade popular), e outros cidadãos, convocados para assistirem á inauguração de uma lapide de homenagem, que a Camara Municipal mandou colocar na

fachada principal deste predio onde nasceu o Visconde de Santarem, segundo no titulo, Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa. Iniciando a solenisação, o Vereador Agostinho José Fortes discursou acerca do ato e das notabilissimas qualidades do celebrado; e em seguida efetuou o descerramento da lapide, patenteando a sua inscrição que é do teor seguinte:

Nesta casa nasceu, em 18 de Novembro de 1791, Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º Visconde de Santarem. Faleccu em Paris em 17 de Janeiro de 1856. A Camara Municipal de Lisboa em 17 de Janeiro de 1913 mandou colocar esta lapide como homenagem ao emerito cidadão que, no paiz e no estrangeiro, muito honrou a patria pelas suas letras e virtudes.

Esta lapide é de pedra lioz de Pero Pinheiro e de forma retangular, com as dimensões de um metro e noventa e sete centimetros de comprimento e cincoenta e cinco centimetros de largura; tendo as letras da sua inscripção, esculpidas em ponta de diamante e douradas; e foi feita por artistas portugueses.

Assistiu tambem a este acto o cidadão Manoel Francisco Barros Saldanha, 3.º Visconde de Santarem neto do dito 2.º Visconde, como representante da familia do mesmo.

Para constar se lavrou o presente auto que vae assinado por todos os presentes.

Eu Joaquim Kopke, secretario da Camara Municipal, o subscrevo.»

Seguem-se as assinaturas.

#### Sessão comemoraliva

A's  $20^{-1/2}$  horas, como estava anunciado, realizou-se na sala da Academia a sessão solene dedicada á memoria do 2.º Visconde Santarem.

A'quela hora subiu ao estrado da presidencia o director da Academia sr. Cardoso Gonçalves e convidou em nome da direção para formarem a mesa o neto do grande portuguez, o Sr. sr. Visconde de Santarem, e para os logares de secretarios os srs. Jordão de Freitas, erudito publicista e Agostinho Fortes, que representava a Camara Municipal de Lisboa.

Informou o mesmo director que a colocação da lapide fora pedida pela Academia ao seu ilustre amigo sr. Agostinho Fortes, que na Camara Municipal apresentou a competente proposta. Disse mais que este preito á memoria do grande visconde de Santarem era bem merecido. Se infelizmente poucos comprehendiam a obra do Visconde de Santarem, o que era certo é que esta comemoração encontrou eco simpatico no paiz e a prova estava no seguinte telegrama que acabava de ser recebido dum professor, que de muito longe se associava comovidamente á homenagem:

«Acompanho-vos em espirito na merecida apoteose que hoje fozeis ao sabio benemerito, patriotico investigador 2.º Visconde de Santarem — Professor, Luiz Antonio de Moraes.»

O telegrama foi expedida de Vila Rei.

Nada mais tinha a acrescentar porque esta voz era bem eloquente.

Depois de o terceto, composto de professores de musica da Academia, ter executado uma peça de musica, realizou o sr. Agostinho Fortes a sua conferencia.

O distinto professor começou por definir o periodo historico em que decorre a vida do 2,º visconde de Santarem, desde 4791 a 1856.

Historía os factos principaes da sua vida, a sua ida ao Brazil com a familia reinante, fugida perante a invasão dos francezes; fala das suas arreigadas convições que o obrigam a deixar a patria e a procurar um refugio no estrangeiro. Lá fóra não se ocupa, porém, das lutas politicas, não conspira. Longe da terra natal, volta para ela os olhos saudosos e não procura levantar-lhe dificuldades.

A sua grande inteireza de animo leva-o para o unico caminho direito e patriotico: lança-se ao estudo, acumula materiaes e ergue ao seu querido Portugal um verdadeiro monumento de erudição, que hoje outros trabalhadores aproveitam. Os seus trabalhos sobre cartografia, sobre as descobertas portuguesas, sobre os documentos diplomatiços, ao mesmo tempo que lhe abrem as

portas de todas as grandes sociedades scientificas, dão-lhe a imortalidade dos grandes homens que bem serviram a Patria!

Ainda é dos que acreditam no resurgimento deste Portugal. Não perdeu ainda a fé no futuro. Exemplos como o do Visconde de Santarem merecem ser evocados para edificação de todos. Embora o povo não o possa conhecer, é certo que o nobre português não merece menos a sua veneração e o seu respeito.

Em seguida põe em relevo o serviço prestado pelo erudito investigador sr. Jordão de Freitas, examinando todos os documentos, que maravilhosamente esclarecem a vida do 2.º Visconde de Santarem e justificam o seu altissimo valor patriotico e scientifico.

Refere-se por ultimo ao seu neto, que preside á sessão, e tão grande serviço está prestando fazendo publicar as obras ineditas de seu avó e mandando-as distribuir por todo o mundo. Poderia Sua Ex.ª dedicar-se a usufruir egoisticamente a sua fortuna. Não o faz e bem haja ele que assim presta um altissimo serviço ao paiz onde nasceu.

O sr. presidente encerra em seguida os trabalhos depois de ter agradecido as referencias que lhe foram feitas. E agradece á Academia de Estudos Livres que realizou esta bela sessão, a que tão comovidamente presidiu, apenas como neto dum homem que soube lá fóra honrar o nome da sua querida e inolvidavel patria.

As palavras singelas e comovidas do presidente foram acolhidas com uma entusiastica salva de palmas.

E assim terminou a bela festa que a todos deixou a mais perduravel recordação.

Os professores da Academia que tomaram parte no concerto foram as senhoras D. Aida de Freitas, D. Eulalia Gonçalves Paes e o sr. Antonio da Silveira Paes.

#### Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem?

Com este titulo mandou publicar o sr. Visconde de Santarem uma erudita memoria escrita pelo sr. Jordão de Freitas. Este ilustre publicista descreve no seu trabalho o resultado das investigações a que procedeu e que o levaram á conclusão de que o 2.º Visconde de Santarem nasceu na casa onde está instalada a Academia de Estudos Livres.

Muita gente julgará que tal estudo não tem importancia social. Mas deve atender-se ao que nos paizes cultos se pratíca em identicas circunstancias. Lá fóra, para completar a biografia dum grande homem, não ha hesitações: todos os subsidios são acolhidos com o maior entusiasmo. A memoria do 2.º Visconde de Santarem merece todas as homenagens. Contribuir para que se lhe faça a justiça merecida, é uma obra de benemerencia.

Jordão de Freitas e o 3.º Visconde de Santarem merecem portanto o nosso respeito: trabalhando para exalçar a memoria dum homem eminente trabalham pela patria, que todos amamos e desejamos vêr grande e gloriosa.

## Lições de Historia Universal

#### 1.ª lição em 7 de fevereiro de 1913

#### Origens de cristianismo: suas relações com o mundo romano

Para compreendermos a Idade Média, um dos periodos mais interessantes da historia, é forçoso que estudemos o cristianismo, nas suas origens e expansão. Uma literatura barata tem explorado a curiosidade, discreteando sobre o sugestivo têma «Cristo nunca existiu». E' uma questão esta de «lana caprina», porque, o que nos deve interessar, é saber se o cristianismo existiu, o que aliás ninguem põe em duvida, quaes as condições do seu aparecimento e como exerceu a sua accão.

O cristianismo apareceu na Judeia.

Quando estudámos os hebreus, tivemos ocasião de tratar das

causas morbidas que produziram a dissolução da sua nacionalidade. Havia entre eles duas seitas, duas tendencias, personificadas em Saul e Samuel. Uma apoia-se na realeza e é profundamente civilista; outra no poder teocratico e é de feição particularista e sectaria. Esta concentra-se na tribu de Judá, na casa de David. A luta entre os dois elementos representa uma modalidade do eterno conflito historico do poder civil e do poder religioso. Do choque de tendencias tão antagonicas resulta a queda da nação hebraica, que, no captiveiro, sob o dominio dos assyrios ou dos perass, chorou debalde a perda da independencia.

Foi então que entre a tribu de Judá começou aparecendo a ideia messianica, a crença num redentor, que, saido da casa de David, havia de restabelecer a nação de Israel e dar-lhe o prestigio perdido. Este estado de espirito, proprio da depressão psiquica da colectividade judaica, favorece o meio no sentido de provocar o aparecimento da nova seita.

É da doce Galileia que parte a voz da reação nacional, levantada nesse momento contra o dominio romano. Mas é em Jerusalem, no centro duma região árida e tristissima, que a nova religião procura tomar força para resistir ao poder do partido teocratico, representado pelos fariseus. São estes os primeiros perseguidores dos cristãos.

O cristianismo apresenta-se-nos neste momento com um caracter particularista e estaria destinado a desaparecer, como outras seitas judaicas, se condições especiaes, que vamos estudar, não tivessem permitido o seu ulterior triunfo.

Os primitivos cristãos, os essenios, tinham tendencias acentuadamente comunistas, o que nos leva a crêr que o factor economico, como é natural, tambem não foi dos mais estranhos ao seu aparecimento.

Quando o cristianismo apareceu, o mundo não estava demasiadamente atrazado. A reforma religiosa teria sido dispensada perfeitamente, embora não possa negar-se a acção fecunda que o novo elemento veiu produzir, deslocando-se do seu primitivo berço. Simplesmente a evolução historica teria sido outra na primeira hipotese.

Para compreender a razão do triunfo do cristianismo no ocidente, é necessario determo-nos um instante diante dessa figura estranha de Saulo, mais tarde Paulo, o celebre evangelista dos gentios. Era um judeu helenico, um espirito aberto ás especulações filosoficas. A filosofia grega refugiara-se em Alexandria, onde os judeus viviam impregnando-se do espirito ocidental, acentuadamente communicativo, perdendo até o uso da lingua hebraica.

E' em Alexandria que se faz a celebre tradução biblica, conhecida pela versão dos 70, sobre a qual se calca a bem conhecida «Vulgata» latina de S. Jeronymo. Este facto é importantissimo porque a versão de S. Jeronymo é a adoptada pela ortodoxía romana. Alexandria era a herdeira de todo o espirito helenico. Ali vinham de todo o mundo os viajantes, os eruditos, os sabios, a estudar a sciencia e a filosofia gregas, embora uma e outra, perdida já a força creadora, se entretivessem na comentação e revisão dos sistemas antigos.

A influencia da notavel cidade impregnada do espirito helenico era, pois, enorme no mundo antigo. Se a nova seita caisse abruptamente em Alexandria, a sua derrota seria inevitavel. Mas os seus principios introduziram-se ali a pouco e pouco, discutiamse ao sabor das ideias filosoficas predominantes, infiltravam-se das ideias socraticas e platonicas, criavam-se emfim um ambiente simpatico, propicio ao definitivo triunfo.

Como se sabe, Paulo foi primeiro um atrós perseguidor da ideia nova. Mas a feição que lhe deu, após a sua adesão, representou um verdadeiro scisma, só explicavel pela influencia grega. Ele representou na verdade o principio de expansão, emquanto Pedro era o apostolo particularista, de feição fundamenalmente orientalista e tão estreitamente sectario que não hesita em perseguir Paulo, o unico pensador que o cristianismo possue nessa epoca. Sem Paulo o cristianismo não teria talvez vencido; com Pedro teria ficado apenas mais uma seita judaica, destinada a desaparecer da face do mundo, como tantas outras da mesma proveniencia. A eloquencia de Paulo era compreensivel aos povos gentilicos, e a nova religião, afeiçoada conforme o espirito helenico, começou recrutando ardentes apostolos.

Como se compreende que chegasse até Roma? Eis-nos agora em face doutro aspecto do problema, que merece atento estudo.

Em Roma dava-se ao tempo um verdadeiro sincretismo religioso. Havia ali adeptos de todas as seitas. O espirito do romano, que o era só no nome e não em verdade, porque as antigas qualidades de caracter se tinham obliterado por completo, o espirito do romano, repetimos, era solicitado por uma curiosidade morbida, bem compreensivel. Aderia-se ao culto de Isis por diletantismo; cultivava-se a arte dos astrologos por ostentação de gosto pelo desvendamento dos misterios. No fundo havia a descrença profunda pelos deuses.

Abaixo do escól social agitava-se a plebe, os escravos, o entulho de todas as sociedades. Se no alto havia a opulencia e o luxo, nos bairros populares asfixiava-se, morria-se de fome e de doenças. Compreende-se como neste meio poderiam ter éco simpatico as ideias igualitarias dos cristãos. O principio novo elevava o escravo até o senhor. Percebe-se assim que o cristianismo contasse em Roma os seus primeiros adeptos entre plebeus e as ultimas camadas sociaes. Só muito mais tarde vieram as adesões das classes letradas e privilegiadas. Refugiados nas misteriosas catacumbas, os primeiros cristãos são verdadeiros rebeldes contra a ordem publica, representada nos poderes constituidos.

Curioso é que nas catacumbas apareça como simbolo cristão a figura do peixe. Este facto, assim como o ter adoptado as doutrinas do ascetismo monacal, são provas da acção assirio-egypcia da nova religião, por intermedio da Biblia, acção essa que o espirito helenico insuflado por Paulo não conseguiu levar de vencida.

As perseguições contra os cristãos obedeceram sempre a questões de ordem politica. Apesar do sincretismo religioso a que nos referimos, existia em todo o imperio romano um culto oficial, o culto dos Imperadores, cujas estatuas se adoravam nos templos. Ora os cristãos negavam-se á pratica desse culto, combatiam-no mesmo. Eram, portanto, rebeldes perante a lei. Meréciam castigo. Dai as perseguições.

A luta foi travando-se durante largos anos, até que um imperador romano, o celebre Constantino, adere á nova religião, que assim é consagrada oficialmente. Esta adesão do filho de Constancio Chloro representa apenas a realização dum plano político de predominio.

A separação do Imperio Romano, com a fundação da nova capital, no local onde existia Bisancio, Constantinopola em honra de Constantino, o seu fundador, poderia ter produzido a ruina do cristianismo, ou, pelo menos, limitar a sua influencia, se não aparecesse o factor importante da organisação hierarquica da igreja romana, toda moldada na organisação do Imperio, como se vé nas funções do «Vicarius», cujo nome provêm de «vicus».

O bispo de Roma pretende ser o chefe por excelencia, a primeira pedra do edificio romano; é o eleito da assembléa dos bispos, como estes o são da assembléa dos fieis da diocese. A base electiva é portanto a mesma do Imperio, embora neste houvesse desaparecido completamente na pratica.

Era natural a ambição do bispo de Roma-de exercer a supremacia universal. Não era Roma a capital do Imperio, isto é, do mundo? A religião cristã era já uma força imensa. O seu dogma tinha sido consagrado no concilio de Niceia. Predominava sobre todas as seitas. A suposta apostasia de Juliano fôra efemera, o ultimo arranco do paganismo estava definitivamente extincto como religião oficial, muito embora a sua ação se fizesse moralmente sentir na nova religião, que com o paganismo teve de transigir na pratica de muitos actos do culto. Mas restava ainda o bispo de Bisancio, a nova capital do Imperio Romano do Oriente. Este desejava tambem para si a supremacia. A luta resolve-se difinitivamente em favor de Roma, mercè dos conflitos religiosos que a todos os instantes se dão em Bisancio onde deu que fazer a seita dos iconoclastas, principalmente por afectar o comercio que ahi se fazia das imagens. Os disturbios eternizam-se, as depredações, as intrigas, os crimes, mancham a vida publica de Bisancio. O Imperio Oriental sobrevive ao Ocidental, mas arrastando uma vida ignominiosa, até que cai ante o ataque do turco. Era na alvorada da Renascença. Abria-se assim o campo livre ao cristianismo de Roma, que resistira ao embate de seitas como a dos arianos, ás correntes tormentosas dos barbaros e á queda do Imperio.

Roma vencia finalmente, impondo-se pelo triunfo da religião nova. E esta sálvara na Idade Média a civilisação romana — serviço inestimavel que ninguem, com a verdade historica, lhe pode contestar.

#### 2.ª Lição em 21 de Fevereiro de 1913

#### As Invasões dos Barbaros

Tendo de tratar especialmente da Idade Média precisamos de estudar os seus elementos historicos fundamentais. E' a razão porque, depois de rapidamente termos passado em revista o cristianismo, vamos agora ocupar-nos dos barbaros e das suas incursões no Imperio Romano. Em primeiro logar precisamos definir o termo «barbaro». Para os gregos, como para os romanos, tal designação referia-se ao «estrangeiro» por quem uns e outros manifestavam tanto desprezo que os gregos lhes chamavam «aglossai» ou sem lingua.

E' costume dizer-se que as invasões dos barbaros foram como torrentes assoladoras, que se precipitaram no territorio romano, espalhando o terror, as violencias, a morte. A verdade historica é muito outra. Prova-se que as incursões se fizeram lentamente. Os barbaros chegaram pouco a pouco e foram-se insinuando no organismo do Imperio e assimilando-lhe, pelo menos externamente, a civilização.

O primeiro contacto com esses inimigos deu-se quasi no inicio do Imperio, no governo de Augusto, e produziu o desbarato das legiões de Varus, levadas de vencida pelos germanos em Teutoburgo. As lagrimas de Augusto, o seu desespero pelo desastre, como depois aconteceu, em transe semelhante, a Carlos Magno, revelaram o presentimento da queda do Imperio.

Perante o perigo, a politica romana teve de fazer dos barbaros uma barreira contra o ataque de outros invasores igualmente barbaros. E assim eles foram pouco a pouco sendo admitidos no exercito.

Alem dos germanos, nos seus dois grandes ramos- ripuarios e salios — houve invasões de francos, suevos, alanos, vandalos e godos.

Os suevos, alanos e vandalos deixaram pouca memoria de si, se bem que os primeiros organisaram um reino proprio ao norte da Peninsula Hispanica, pouco mais ou menos na Galliza, reino que os wisigodos extinguiram depondo Audeca, ultimo rei suevo.

Donde vieram estes povos? E' dificil determina-lo. Pondo de

lado os hunos, de conhecida procedencia mongolica, supõe-se que todos pertenceriam ao mesmo ramo etnico dos arias, cujo «habitat» primitivo teria sido a Asia Central.

E' sempre conveniente usarmos prudencia ao falarmos de «arias», pois, segundo autores muito conceituados, esta designação corresponde mais a uma familia linguistica, do que a um grupo etnico, não faltando quem, como Schrader, diga serem etnicamente os arias uma designação fantasiosa de sabios de gabinete.

Ocupemo-nos, porém, dos germanos, os que mais nos interessam para o estudo da Idade Média e das suas caracteristicas instituições.

Para percebermos como eles poderam assimilar a civilisação romana, basta recordar a sua organisação. Os germanos agrupavam-se em «mundiums», que podem comparar-se ás «gentes» romanas, organisação familial em que o poder supremo estava concentrado no «pater familias».

No «mundium» germanico o poder era exercido pelo mais forte. Mas logo que o grupo assentava arraiais, fixando-se á terra, o laço familiar transformava-se em laço social. A base não era já o individuo, mas a terra. Quem comandava era «Herzog»—o duque—O «rei» era autoridade suprema, em quem se concentravam as funções sacerdotais, mas não exercia o comando militar, a não ser nos casos excepcionaes de tambem se impôr pela força do braco.

Existia entre os germanos um grande respeito pelo valor individual. Todas as questões eram resolvidas em assembléas populares nas quaes havia a maxima liberdade de expressão. A religião era naturalista, como a primitiva dos romanos. Odin, o deus vingativo; Thor, o deus do trovão; as walkirias, as famosas amazonas que nos seus fogosos corseis cavalgavam atravez dos espaços transmitindo as ordens de seu Pae; Walala, a mansão dos deuses, fortificada como praça inexpugnavel: tudo recordava a guerra, a feição belica do germano. A organisação social era identica á dos romanos primitivos. Os germanos tiveram tambem as suas «civitates», vilas e «vicus» as grandes familias com os seus clientes e colonos. Na dispersão das populações a autoridade do «rei» enfraquecia-se, emquanto augmentava a dos chefes guerreiros.

Assim se la esboçando entre os germanos o feudalismo que vae encher a Idade Média, com o seu progresso e as suas lutas com o poder real apoiado no povo.

Sobre a debatida questão das origens do feudalismo, ha muitos escritores que subscrevem a opinião da procedencia germanica e outros atribuem-na aos romanos.

Encarando o problema pela maneira que esboçamos, poderemos estabelecer uma forma ecletica: o feudalismo nascendo do contacto das duas correntes, germanica e romana. E para comprovar a opinião, poderemos mais uma vez aproximar as instituições dos dois povos, compará-las na sua influencia mutua, examinar as transformações que sofreram nesse contacto. A' luz deste criterio, o problema simplifica-se notavelmente.

Lancemos, porém, a vista sobre os outros grupos de barbaros, pois que mais tarde teremos ocasião de nos ocuparmos especialmente do feudalismo. Detenhamo-nos um instante nas invasões
dos ostrogados e assignalemos a conquista por eles do Imperio Romano e a tentativa do seu rei, Theodorico, de levantar novamente
o mesmo Imperio. A tentativa foi efemera, mas teve o merito de
revelar duma maneira singular a influencia que a civilisação romana tinha sobre o espirito dos barbaros, vencedores materialmente, mas ofuscados pelo brilhantismo duma civilização que, todavia, só conheceram quasi na fase da dissolução.

Mais tarde, outra tentativa da restauração do Imperio surge na França, depois da queda da dinastia dos Meronvigios.

E' Carlos Magno, filho de Pepino o Breve, um autentico barbaro, quem realisa a assombrosa façanha desse resurgimento cuja resonancia ainda hoje sentimos. Vè-se assim, porque Carlos Magno, pertence já á Idade Media, que esta não foi mais, nos intuitos dos seus homens de genio, do que uma tentativa, muitas vezes falhada, de resurgimento, á qual vieram juntar-se outros muitos factores e elementos que actuaram fortemente na linha evolutiva da civilisação mundial. A Renascença, que fecha a Idade Media e abre a epoca moderna, representou o reatar da tradição. O classicismo foi uma verdadeira renascença romana, como veremos.

Os barbaros aderiram ao cristianismo, passando, porém, pela

fase da heresia de Ario. E não admira que assim acontecesse, pois que a seita ariana, negando a Jesus a natureza divina, era mais compreensivel a cerebros rudes e pouco dados, por consequencia, a abstracções.

Vê-se, pois, que a assimilação da civilisação romana foi tão completa quanto possivel pelos barbaros, que invadiram o Imperio, permitindo que, pela penetração de tão diversos elementos—crenças, costumes, organisação social, religião—desabrochasse uma epocha tão cheia de relevo como a Idade Media, que longe de ser uma noite caliginosa, em que a civilisação humana parecia terse subvertido, foi pelo contrario o cadinho onde se prepararam as instituições modernas.

Mas no extremo norte da Europa outro povo barbaro chama a atenção. Os normandos, os celebres piratas, que nas suas embarcações ligeiras entravam pelos rios, assolavam as costas, incendiavam, violentavam e assassinavam as povoações sedentarias, alcançaram por fim dos reis francos uma facha de terreno, onde se fixaram, e que ainda hoje é conhecida pela designação de Normandia. Os normandos defrontavam-se na ilha fronteira de Inglaterra com outros barbaros que ali dominavam então—os anglos e saxões. O choque entre estes povos era inevitavel e teve o seu remate na celebre batalha de Hastings, em que Guilherme da Normandia venceu o inimigo e alcançou a coróa. A partida de Guilherme para esta guerra é como a duma verdadeira cruzada apoiada pela Igreja. Foi desta, que se sentia cerceada nos rendimentos do dinheiro de S. Pedro, que partiu o incentivo ao normando para declarar guerra a Aroldo, o vencido de Hastings.

Estabelece-se pois a dinastia normanda na Inglaterra. O rei da Inglaterra é, porém, vassalo do rei de França. Esta anomalia prepara a luta entre os dois paizes, que se dá na celebre guerra dos Cem anos.

E' preciso notar n'este ponto a diferença entre o feudalismo francez e o inglez, porquanto isso explica cabalmente o facto da evolução dos dois paizes ter sido tão diferente.

A situação da Igreja no meio destas lutas era instavel. A sua influencia espiritual ninguem a podia contestar. Mas o poder temporal era quasi nulo, tanto mais que lavrava a mais profunda desorganisação social, havendo apenas como norma a preponderan-

cia da força bruta que, esmagada a justiça, só reconhecia o direito do mais forte, ainda que este fosse um bandido. Assim vemos as abadias porem-se sob a autoridade dos reis ou dos mais valentes guerreiros e bandidos mais audaciosos. Estamos longe ainda da epoca em que o poder de Roma será uma tremenda realidade.

AGOSTINHO FORTES

## A ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

(Secção da Academia de Estudos Livres)

Existe infelizmente entre nós uma categoria de individuos que parece terem por missão especial a depreciação das coisas e dos homens da nossa terra; ouvindo-os não póde restar duvida de que sentem um verdadeiro prazer em deprimir tudo o que seja português, e, inversamente, basta que a maior das inutilidades venha acompanhada de um rotulo estrangeirado para que o côro dos censores emudeça de admiração. A dar-lhes credito, a raça portuguêsa é uma coisa já cançada e gasta, uma especie de farrapo sórdido que só serve para envergonhar a velha Europa. Se se reparar bem, ver-se-ha que a matilha dos criticos implacaveis se compõe exclusivamente de ineptos, de mandriões, de tarados, e desde então tudo se explica facilmente: é um caso especial da grande lei biologica das adaptações e nada mais.

Todo e qualquer organismo, para viver, tem de procurar a formula que lhe permita o mais perfeito acordo com o meio, pois só nela póde achar a tranquilidade e o bem-estar; imagine-se um microbio da putrefação separado das suas queridas materias em decomposição como deverá sofrer! Pois o caso é o mesmo com os detractores de oficio; o seu grito de raiva é uma reação logica

e fatal contra tudo o que possa ter como consequencia o saneamento da atmosfera moral que os rodeia.

O fenomeno é naturalissimo e inevitavel; em ultima analise, a felicidade não é mais que a perfeita adaptação ao meio ambiente; ora como este não é imutavel, por isso o ser fisico e moral tem de lutar constantemente para conseguir uma harmonia que nunca é perfeita e por isso se diz que não ha ninguem completamente venturoso. Almas de lama só podem viver bem e expandirse em pleno esterquilinio, longe da luz dos puros ideiaes que as deslumbram, de todo o bafejo de nobreza que as sufoca. Já que não podem proclamar a falencia da grande obra do progresso humano (bem o quereriam eles, mas não se atrevem) limitam-se a separar o canto da terra que teve a desgraca de lhes servir de berço, por decreto inapelavel da sua magnanima imbecilidade, de todo o movimento da evolução universal. O progresso aqui não entra nem entrará nunca; pontificam de alto, sem se lembrarem que ele tem passado, triturando-as, sobre podridões ainda maiores (embora pareca impossivel existirem) que as que encontramos cada dia, dando nas ruas de Lisboa a nota miseravel da inveja odienta e impotente.

De resto, são coerentes; insistindo na inutilidade do esforço justificam a sua abjecta deserção das fileiras dos trabalhadores honestos, sobre os quaes se arrogam a superioridade que lhes permite a sua clarividencia; no arrastar a grande multidão neutral e indecisa está a salvação da sua inutilidade. Que seria deles se ámanhã a massa popular confisses firme e definitivamente no futuro da nacionalidade? Ter de trabalhar, de cooperar na grande tarefa patriotica sob pena de se lhes estampar nas frontes o ferrete de parasitas! Antes disso lutar até á ultima com as armas comodas e envenenadas da calunia!

Assim não admira que obras admiraveis de trabalhadores conscienciosos sejam votadas ao esquecimento ou deprimidas em proveito de outras incomparavelmente inferiores, que só possuem o merecimento de não terem nascido em terras portuguêsas. Temos o exemplo frisante numa utilissima instituição a que quasi ninguem faz a justiça que merece, embora o seu papel seja preponderante e a sua acção preciosa no movimento do progresso nacional.

Quis o acaso que, percorrendo escolas de Paris, visitasse uma (de entre as que me foram indicadas como melhores) que correspondia perfeitamente ao tipo e constituição da primeira (de Lisboa). Vi um edificio grandioso e novissimo onde os pateos nús, tristes, rodeados de paredes altas davam a impressão desconfortante de um carcere, crianças tristonhas e sem expontaneidade com o aspecto lamentavel de asilados, aulas em que elas dormiam ou bocejavam sob a pressão deprimente do tedio, uma disciplina á maneira antiga, em que o professor, em vez de atrair procura realizar mais ou menos, para os pobres pequenitos, a vi-



Licão de gimnastica numa Academia de Paris

são terrorifica de um ferrabraz. Não era pois decerto o instituto parisiense que poderia pretender realizar a aspiração da escola ideal onde se cultiva a flor delicada da alegria, onde o trabalho apresentado como um prazer se radica no modo de ser infantil a ponto de se converter numa necessidade de toda a existencia, não era este seguramente o cadinho de uma raça que traga para as asperezas da vida o escudo de um bom humor inalteravel que faz triunfar de todas as provações.

Havia oficinas, é certo, mas como cada classe está completamente entregue a um professor, quando este não simpatisa com os trabalhos manuais a que tanto deve a educação moderna, estes são executados de um modo deficiente; não havendo uma professora de canto como ha na nossa Academia de Estudos Livres, passa-se muitas vezes sem córos infantis; existia uma cantina, mas sem o admiravel principio da mutualidade que na Academia levanta e melhora o moral da criança tirando ao que recebe alimento, por vezes gratuitamente, a impressão humilhante e desconsoladora da caridade.

A comparação entre a escola lisboeta e a parisiense redunda tanto em favor da primeira, que até um dos taes detractores na-



Uma lição de ginastica na Academia de Estudos Livres

tos se sentiria abalado se fosse suscetivel de examinar conscienciosamente qualquer coisa ácerca de que pontifica com inalteravel desplante. E para que se não diga que exagero, ahi vão provas incontestaveis em documentos impossiveis de desvirtuar: são fotografias que dizem respeito á parte da educação que por toda a gente que entende do assunto é considerada como primacial por ser a que mais contribue para aumentar a força omnipotente a que se dá o nome de Vontade, a educação fisica. Comparem-se as atitudes pseudo-ginasticas das crianças francésas, executando sob a direcção de um professor incompetente uma lição fastidiosa e

inutil com o conjunto dos alumnos da Academia com dois mezes escassos de educação do corpo; de um lado o abandono e o aborrecimento, do outro a animação e o bem-estar, isto é, os dois polos opostos da boa e da má pedagogia.

Onde, sobretudo, o desastre era completo era nas varias escolas maternais que me mostraram. Já sabia que muitas professoras parisienses, privadas do arrimo tiranico do livro que só serve para deformar o espirito dos mais pequenos, se viam gravemente embaraçadas; tive então ocasião de verificar o estranho processo por que algumas se saem do aperto em que as coloca a sua incapacidade; deixando as crianças dormir encostadas ás carteiras;



O jogo do Ferreiro na Escola Maternal da Academia de Estudos Livres

as que não dormiam viam-se constrangidas ao silencio e á imobilidade; é assim que se pretende desenvolver o amor pela escola, onde teem de passar uma grande parte da infancia numa passividade de automatos em que ha-de sossobrar o melhor das suas tendencias generosas e a fonte sublime da iniciativa pessoal.

Não foi possivel conseguir nesta secção uma fotografia de qualquer exercicio fisico; as professoras das escolas maternais fitavam-me espantadas de tal pedido, apesar dos olhares significativos da directora que, mais instruida, procurava atenuar o fiasco. Houve uma que começou a apontar para diferentes pontos da aula, convidando as crianças a olhar para o sitio indicado; era no

que se resumia toda a sua bagagem de cultura fisica infantil. Não houve outro remedio senão desistir de presenciar qualquer jogo de criança, como os que se podem admirar na nossa Academia e tanto contribuem para dar a nota animadora duma pedagogia perfeita na escola maternal da rua da Paz.

Depois d'isso tive ocasião de falar com verdadeiras competencias pedagogicas, e quando me preguntaram pelos progressos educativos realizados entre nós, descrevi-lhes a Academia de Estudos Livres com as suas aulas de canto infantil acompanhado a piano e a orgão, as suas constantes excursões educativas, a sua cantina modelar e irreprehensivel, a sua escola maternal cheia de vida, onde brincando se aprendem as melhores e mais proficuas noções e á qual as crianças vão com verdadeiro prazer; falei-lhes da Escola oficina n.º 4 com os seus trabalhos manuais e o admiravel sistema pedagogico que obriga o mestre a usar a mesma blusa que o aluno, e todos me disseram, com uma convicção em que transluzia o cunho de indiscutivel sinceridade: «se os portuguêses tivessem muitas escolas como essas, em pouco tempo recuperariam o tempo perdido e pôr-se-hiam á altura das nações mais avançadas.»

E eu pensei então com amargura como por cá se encaram estas coisas e que uma instituição como a Academia de Estudos Livres se vê obrigada a viver por milagre, sem subvenção do Estado, sem auxilio de nenhum homem de recursos que queira ligar o seu nome a uma obra que consegue suscitar a admiração no grande centro que hoje se considera como a capital intelectual do mundo . . .

MORAIS MANCHEGO.

## CONFERENCIAS E PALESTRAS

#### A cidade de S. Marcos (\*)

Seria a ancia de opulentar a Arte a causa determinante do aparecimento da famosa terra? A hipotese esmaga-a a recordação de que aos fundadores de Veneza a pesca servira a vida e entretivera o tempo, fraco aprovisionamento de noções lhes permitindo; destroe-a a lembrança de que no seculo V o instinto guerreiro e individualista dos legionarios barbaros sufocava a paz, levantando uma atmosfera de fogo e sangue.

Foi Atila, com as suas selvajarias atemorisantes, que para o sul atirou os habitantes da velha Altino e outros pontos da região do norte. As ilhas das lagunas afiguraram-se-lhes um refugio grato, e eles, perseguidos, vendo atraz de si a morte, ali se entrincheiraram, denunciando depois uma vontade—a vontade de possuir, de sentir uma terra sua.

E, assim, daquelas se explica a rapida metamorfose. Sendo ainda, ao apontar do seculo V, uns charcos lodosos e movediços, já no seculo VII surgia ali, em terra que o mar não alcançava agora, a Republica de S. Marcos, simbolo de toda uma epopeia de esforços, simbolo de toda uma epopeia de virtudes—esforços que a ambição desfez, virtudes que a maldade secou.

Organisou-se o Estado, criaram-se chefes que velariam as leis, e os chefes proclamaram a diferenciação de interesses. A grandeza borbulhára o sangue plebeu, e agora o odio invadia as almas, levando-as a exteriorisações de acirradas lutas. Era a repetição de um facto, um facto observado em todos os tempos e em todos os povos.

<sup>(\*)</sup> Palestra realizada na Academia de Estudos Livres em 23 de fevereiro de 1913.

Os doges, interpretando as leis pelos seus caprichos, reflexo da sua moral torcida, determinaram ali conflitos graves. Marcaram o inicio das mais atroadoras audacias; assinalaram o começo das mais perturbativas traições. O povo foi encarcerado nos Chumbos e foi enforcado na praca. E todavia ele arrostara todos os cubicantes do seu paiz, forte pelo espirito municipalista, altivo pela fé no seu valor. A sua terra não lhe permitia a agricultura, e ele, sorrindo sempre ás aventuras, na sua frota saiu em cata da abastanca. No Oriente, onde arribara com os cruzados, exerceu a sua influencia, influencia que aproveitou para o carreteamento das mais abundantes riquezas, riquezas que o estimularam para a pratica dos mais atrevidos projectos. Começou as suas conquistas, alargou-as, apoderando-se de quasi todo o arquipelago grego e de Padua, Ravenna e outras cidades da velha Europa. O espirito vivia-lhe numa ancia de dominio, envolvendo-o por isso os outros povos num olhar de desconfianca e medo. Os seus navios, portadores de uma fama nova, a fama de uma visionada terra de deslumbramentos, surgiam em toda a parte, por toda a parte espalhando especiarias caras, de toda a parte levantando riquezas grandes. Do seculo XII ao seculo XV a hegemonia dos mares pertenceu-lhe, o comercio do Levante foi todo seu. Mas os portuguezes saíam da «ocidental praia lusitana» e, aportando á India, sem que o pensassem provocavam a perda da Rainha das Lagunas e o deslisar para o Poente de uma nova civilisação.

Veneza cahiu. Mercè dos portuguezes, que lhe alcançaram o arrojo, disputando-lhe a abundancia; mercè dos seus politicos, que, entorpecidos por uma influencia má, não lhe pouparam sequer a força que lhe abrandaria a queda.

Mas apreciemos de Veneza um outro aspecto—o artistico.

E' juizo velho, que o rigor da observação confirma sempre, aquele que nos diz que a liberdade é tão precisa á arte como o calor ao sangue que nos dá força e vida. Sem ela, a energia colectiva é nula, a inspiração rareia.

E o exemplo da Holanda é frisantissimo para que nos abandonemos nas oscilações da duvida.

Pantano vivido por negregado povo, o valor que lhe atribuiam no seculo XVI era ainda pouco. Dominio da Espanha, esta pre-

tendeu furtar-lhe a ultima noção de liberdade. A moral dos dois povos seria a mesma, em absoluto vivendo uma crença que o receio apenas dos fenomenos físicos alimentava. Foi um erro. Não se observou o decisivo peso que na formação dos proprios caracteres religiosos representam os meios climatericos e geograficos. Não se observou. E como estes eram bem diversos, resultou d'ai a admiravel e decisiva luta, incitada pela eloquencia justa, romantica, de Marnix, contra a ideia de obsorção completa.

O asfixiante jugo de Castela quebrou-se e «as portas da Holanda, escreveu Ramalho, abriram-se a toda a actividade humana, abriram-se a todo o esforço intelectual». Estava assegurada pela energia colectiva, reveladora de um fenomeno intimo, a independencia do povo holandez, que dela tirou a sua gloria, o seu bem estar, o seu prazer. Estabeleceu a liberdade de consciencia, de pensamento, de comercio, de industria, e levantou diques e abriu canaes, dissecou pantanos e saneou cidades, construindo pontes, fundando escolas e animando sociedades literarias e scientificas, associações de operarios e irmandades de artistas.

Desta actividade, tão prodig osa e livremente desenvolvida, resultou a abundancia em todos os lares, a alegria em todos os rostos, a instrução em todos os homens.

Estava preparado o ambiente que receberia a Arte. Ela surgiria, porque se podia empreen ler agora na mais ampla liberdade do pensamento, da intuição artistica de cada um. E motivos, não havia tantos que a estimulassem? Os factos grandiosos e comunicativos da historia daquele pequeno paiz, o seu «meio», emfim, não lhe dariam vida?

Gioto, que os companheiros surpreendiam no doce enlevo de traçar figuras, não teria sido o ingenuo iniciador da escola naturalista se o seu temperamento artístico educado não fosse. Era evidente que uma necessidade havia, a de educar os elementos que pelo seu modo de ser animico e intelectual melhor assimilassem as rigorosas exigencias da estetica, por ela passando todas as caracteristicas de uma raça no apogeu. Foi o que se fez—e na Holanda nasceu a Arte.

Este facto, esta constancia de vontade, este anceio de crear repetiu-se em Veneza, com diferentes resultados porque diferentes foram os tempos.

Ticiano, Tintoreto e Giorgione, Veroneso, Bellini e Sansovino, emfim, todo esse escól de artistas quasi inexcedidos na emoção e pouco ultrapassados no engenho precisou, para que nas suas obras se congraçassem o sorriso da côr, a graciosidade da fórma e a brutalidade da evidencia, de um vigor colectivo que os subordinava pela fé. E assim as suas telas são maravilhosas, e os seus monumentos são flagrantissimos de mimo.

Resentem-se do misticismo da época? E que outra coisa querer, se ao artista cumpre exteriorisar a essencia espiritual do meio em que se agita? A influencia divina predominava, e o espirito recolhia-a, manifestando-a a Arte. Era a documentação de uma fase intima da Humanidade.

A catedral de Strasburgo, Nôtre Dâme de Paris e S. Marcos de Veneza são capitulos dessa historia de revelações misticas, derivadas da crença no sobrenatural, e em que se traduz a necessidade de saborear o Belo. Da primeira disse Augusto Fuschini «que é um poema de pedra, um cantico da religião cristã»; a segunda sabe-se que inspirou um gênio: Victor Hugo amou-a. Quanto a S. Marcos, a riqueza dos seus marmores, a preciosidade dos seus mosaicos, a imponencia do seu todo estabeleceram-lhe a fama de joia bisantina.

Ha nesta igreja, de facto, uma infiltração do espirito oriental. Os venezianos, navegando e dirigindo-se para aquele longinquo ponto, absorveram dele a sua feição artistica, reproduzindo-a com singular capricho. Os ricos vestuarios gregos, turcos e armenianos são documentações dos seus artistas.

A estes se não pode acusar de que «a inspiração é sempre a mesma, estranha á natureza e ás realidades da vida», porque Ticiano e outros, sahindo por vezes da submissão da fé, da fé dogmatica, nos deram as alegorias palacianas e as mais lubricas revelações d'amor.

E este refinamento do gosto não se evidenciou apenas na distribuição das tintas, no lançar dos traços ou no erguer das pedras. Os vidros de Veneza falam-nos também da fórma subtil como ali era cuidado o Belo. Na ilha Murano se desenvolveu semelhante industria, a ninguem se permitindo descobrir o segredo da sua tecnica. Mas então era a epoca em que Veneza estava na exuberancia da sua vida, toda arrogante, muito misteriosa.

Hoje, que é Veneza? Um museu apenas; um grande museu reservado á satisfação dos mais delicados caprichos espirituaes, todo evocador e cantando a harmoniosa poesia da pedra. E' uma pagina da historia traçada pelo sentimento. O que nela existe do passado é a alma dos seus artistas, unico sobrevivente da catastrofe que a atingiu. Morresse ela, e de Veneza não falaria hoje se não uma reminiscencia leve, obscurecida num episodio da vida humana. E' a Arte que lhe recolhe o nome e guarda a gloria. E isto nos faz dizer que ditosos os povos que a lembra-los sempre ao mundo teem essa elevada e sem duvida mais nobre expressão da vida—a Arte.

J. PIEDADE JUNIOR

## Questões Pedagogicas

#### O Congresso de educação fisica de Paris

Chegam-nos noticias desta importante assembléa scientifica. Não recebemos ainda as publicações do Congresso, em que a Academia de Estudos Livres esteve representada pelo sr. dr. Morais Manchego.

Pelo que lemos, debateram-se no Congresso principalmente as questões relativas aos diversos metodos de gimnastica. A França lutou pela sua causa, representada na já celebre escola de Joinville-le-Pont. A Suecia terçou armas pelo metodo de Linguniversalmente adotado.

Quem vencerá? Que orientação vae tomar a pedagogia neste seu importante capitulo?

Aguardemos o que vae dizer nestas colunas o nosso amigo dr. Morais Manchego.

#### Espectaculos para creanças

Ha pouco mais dum mez, de colaboração com o sr. Raul Lino, realisou o nosso amigo sr. dr. Afonso Lopes Vieira um interessante espectaculo de fantoches, que teve por assistentes uma encantadora assembléa de creanças. O facto passou desapercebido apesar da alta importancia educativa que teve. O ilustre poeta representou, alem duma farça, a adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Segundo nos contou obteve um verdadeiro exito.

Havemos de experimentar o caso na Escola Marquez de Pombal.

E' preciso deslocar os portuguesissimos fantoches dos tablados das feiras para os jardins das nossas escolas. Substituir os discursos, que empanam sempre o brilho nas nossas festas escolares, poderão dizer ás creanças cousas graciosas e profundas. que as alegrem e eduquem.

# TRABALHOS ESCOLARES

#### Almeida Garrett e a sua obra

1

Nasceu no Porto, a 4 de Fevereiro de 1799, e morreu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1854.

Espirito culto e alma sensibilissima, foi, senão o unico, um dos poucos que soube manejar com mais acerto e autoridade a lingua portuguesa.

Não ha nacional que não conheça, ao menos, por tradição, Camões, o sublime cantor das glorias patrias.

Mas que diferença entre Camões e Garrett!

O primeiro, cheio de vida e d'audacia, cantou os feitos lusitanos, com o ardor proprio da juventude, nesse admiravel poema intitulado «Lusiadas», verdadeiro monumento patrio que o estrangeiro inveja; o segundo, Garrett, procurou fazer vibrar a nota sensivel, caracteristica do Povo Portuguez—o sentimento.

Alcançou o seu intento?

Veja-se o que diz Camilo Castelo Branco:

«O que era o drama em Portugal antes de Almeida Garrett? Emxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francês, coisa descaracterisada, desnaturalisada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos pudessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na literatura patria; desse ponto para os seus sucessores não havia transição logica nem natural.»

A resposta está escrita em letras de ouro na historia. Garrett não atingiu sómente o seu ideal, passou muito alem de toda a expectativa. Basta saber-se que foi ele o creador da comedia e do drama em Portugal.

Entre a sua obra, que é imensa, destaca-se uma, verdadeira obra prima: «Frei Luiz de Sousa».

Para escrever essas paginas, belas em todo o sentido, e fazer reviver essas imagens cobertas pelo pó dos tempos, quanta arte, quanto sentimento não é preciso?!

Como nos sentimos pequenos ao pé desse genio que contudo foi um simples mortal.

Quanto não sofreu esse coração para possuir tão pura sensibilidade.

Porque é preciso notar; o verdadeiro poeta só ganha esse dom quando sofre, quando sente realmente o que escreve. Não basta fazer versos e dizer sou poeta, é preciso, primeiramente, que os outros o digam e conheçam; é necessario sofrer muito e muito para dar vida e apresentar como verdadeiros esses seres criados, as mais das vezes, pela fantasia, e fazer pulsar o coração desse publico, a mór parte ignorante, que le ou vê representar taes obras, legitimos mimos d'arte.

S. LLOYD Aluno da aula de português

#### Academia de Estudos Livres

I	Ensino inicial de leitura, por J. Augusto Coelho	200	réis
11	O marinheiro portuguez atravez da historia, por V. Almei-		
	da d'Eça	200	a
Ш	Da unidade de pensamento no cyclo das descobertas, por		
	Henrique Lopes de Mendonça	200	))
IV	Uma excursão á serra da Arrabida (esgotado)	100	))
V	O Castello de Palmella (esgotado)	100	))
VI	Excursão no Tejo até ao Canal de Azambuja (2.ª edição) .	100	))
VII	Excursão à Fabrica de Cimento de Portland Artificial		
	"Tejo", em Alhandra	50	))
VIII	Uma excursão a Santarem — Atravez da cidade — Lendas,		
	por João Arruda	200	.))
IX	Tri-centenario da publicação de D. Quichote, por Theophilo		
	Braga	200	
X	No Bussaco (historia, paysagem, descripções), por Cardoso		
	Gonçalves	200	0
XI	O Archivo da Torre do Tombo, contendo 219 paginas, ilus-		
	trado com fotogravuras dos principaes codices ilu-		
	minados	800	71
XII	Spinosa - Conferencia, por Theophilo Braga	200	)
IIIZ	O convento de Mafra, por Cardoso Gonçalves	100	п
XIV	O padre Joaquim Silvestre Serrão e a musica sacra por-		
	tuqueza, por Theophilo Brasa	200	»

#### A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

#### Publicadas 2 series (quasi esgotadas)

Cada serie de 10 numeros	 500	réis
Numero avulso	 50	. 11

Quaesquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas franco de porte a quem remeter a sua importancia para a Academia de Estudos Livres—Rua da Paz, 7 (a S. Bento).

### Excursões a realisar em 1913

- 4.8—A Braga e a Vianna do Castello, na primavera. Em Braga realizar-se-ha, no Parque do Bom Jesus, uma festa escolar em honra dos excursionistas, na qual tomarão parte crianças das escolas daquela cidade e das aulas diurnas da Academia de Estudos Livres.
- 2.º A **Paris**, em setembro, segundo o plano da que a *Academia de Estudos Livres* com tão brilhanteexito realizou em 1910

. A Direção está preparando o plano detalhado destas excursões, para ser distribuido pelos socios e subscritores.

A Direção, anuindo aos desejos de ha muito manifestados pelos socios e subscritores, criou um *Fundo de excursões e via- gens*, para o qual todos poderão concorrer e que lhes permitirá satisfazerem gradualmente, em prestações maiores ou menores, o custo dos bilhetes das excursões em que queiram tomar parte.